

ESPOROTRICOSE PALPEBRAL EM FELINO: RELATO DE CASO

Recebido em: 05/11/2023

Aceito em: 01/03/2024

DOI: 10.25110/arqvet.v26i2cont-025

Veluma Marinho Loli ¹
Marcia Bandeira Nalim ²

RESUMO: A esporotricose é uma enfermidade micótica de caráter zoonótico, causado pelo fungo dimórfico do gênero *Sporothrix*, que afeta principalmente os felinos e provoca lesões nodulares e úlceras na pele. Objetivou-se relatar o caso de esporotricose palpebral em felino, macho, sem raça definida, castrado, seis anos de idade localizado no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil. O felino apresentava lesão em placa ulcerada em pálpebra superior e em canto medial do olho esquerdo, quemose superior em olho esquerdo com globo ocular preservado, lesão nodular cutânea com tamanho aproximadamente de 12 mm em canto medial do olho esquerdo e lesão nodular subcutânea em região ventral à orelha esquerda. Segundo o histórico, foi atendido anteriormente em uma clínica particular e realizado exame histopatológico dessas lesões palpebrais e nodular do olho esquerdo que confirmou a presença de estruturas leveduriformes compatíveis com *Sporothrix schenckii* com auxílio técnica da coloração do Ácido Periódico Schiff (PAS). Diante disso, durante o atendimento no Hospital Escola de Medicina Veterinária Prof. Allan Kardec, após avaliação clínica e análise do exame histopatológico foi definido o diagnóstico de esporotricose palpebral e o animal foi submetido ao tratamento durante quatro meses com uso de Itraconazol e iodeto de potássio. O animal foi reavaliado durante todo o tratamento e recebeu alta após a cicatrização completa das lesões palpebrais e realizado cultura fúngica com resultado negativo, demonstrando a eficácia terapêutica.

PALAVRA-CHAVE: Infecção fúngica; Micose; Zoonose.

PALPEBRAL SPOROTRICHOSIS IN A FELINE: CASE REPORT

ABSTRACT: Sporotrichosis is a zoonotic fungal disease caused by the dimorphic fungus of the genus *Sporothrix*, which primarily affects felines and leads to nodular lesions and ulcers on the skin. The aim was to report a case of palpebral sporotrichosis in a male, mixed-breed, neutered feline, six years old, located in the municipality of Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brazil. The feline presented with an ulcerated plaque lesion on the upper eyelid and in the medial corner of the left eye, superior eye whit the preserved eyeball, cutaneous nodular lesion approximately 12 mm in size in the medial corner of the left eye, and subcutaneous nodular lesion in the ventral region near the left ear. According to the history, it had been previously attended to at a private clinic, where a histopathological examination of these eyelid and nodular lesions of the left eye was performed, confirming the presence of yeast-like structures compatible with *Sporothrix schenckii* using the Periodic Acid-Schiff (PAS) staining technique. Therefore, during the visit to the Allan Kardec Veterinary School Hospital, after clinical evaluation and analysis

¹ Graduada em Medicina Veterinária pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO).

E-mail: velumaloli@gmail.com

² Pós-graduada em Dermatologia em cães e gatos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC).

E-mail: mbnalim@yahoo.com.br

of the histopathological examination, the diagnosis of palpebral sporotrichosis was made, and the animal underwent treatment for four months with the use of Itraconazole and potassium iodide. The animal was reassessed throughout the treatment and was discharged after complete healing of the eyelid lesions, with a negative result on fungal culture, demonstrating therapeutic efficacy.

KEYWORDS: Fungal infection; Mycosis; Zoonosis.

ESPOROTRICOSIS PALPEBRAL EN FELINO: REPORTE DE CASO

RESUMEN: La esporotricosis es una enfermedad micótica de carácter zoonótico, causada por el hongo dimórfico del género *Sporothrix*, que afecta principalmente a los felinos y provoca lesiones nodulares y úlceras en la piel. El objetivo fue relatar el caso de esporotricosis palpebral en un felino macho, de raza mixta, castrado, de seis años de edad, ubicado en el municipio de Duque de Caxias, Río de Janeiro, Brasil. El felino presentaba una lesión en placa ulcerada en el párpado superior y en el ángulo medial del ojo izquierdo, quemosis superior en el ojo izquierdo con globo ocular preservado, una lesión nodular cutánea de aproximadamente 12 mm de tamaño en el ángulo medial del ojo izquierdo, y una lesión nodular subcutánea en la región ventral cerca de la oreja izquierda. Según el historial clínico, había sido atendido previamente en una clínica privada, donde se realizó un examen histopatológico de estas lesiones palpebrales y nodulares del ojo izquierdo, que confirmó la presencia de estructuras leveduriformes compatibles con *Sporothrix schenckii* mediante la técnica de tinción del Ácido Periódico de Schiff (PAS). Por lo tanto, durante la consulta en el Hospital Escuela de Medicina Veterinaria Prof. Allan Kardec, después de una evaluación clínica y un análisis del examen histopatológico, se estableció el diagnóstico de esporotricosis palpebral y el animal fue sometido a un tratamiento durante cuatro meses con el uso de Itraconazol y yoduro de potasio. El animal fue reevaluado durante todo el tratamiento y fue dado de alta después de la completa cicatrización de las lesiones palpebrales, con un resultado negativo en el cultivo fúngico, lo que demuestra la eficacia terapéutica.

PALABRAS CLAVE: Infección fúngica; Micosis; Zoonosis.

1. INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose antropozoonótica causada por espécies de fungos pertencentes ao gênero *Sporothrix*. O microrganismo é considerado dimórfico, vivendo na natureza em regiões quentes e úmidas, cascas de árvores e solos ricos em matéria orgânica em forma filamentosa (temperatura de 25°C a 30°C). Em temperaturas mais altas (em torno de 37°C), ou quando inoculado em um hospedeiro, o fungo se transforma em levedura (Guimarães; Guimarães, 2022).

No Brasil a espécie mais encontrada é a *S. brasiliensis*, que afeta todos os animais, sendo os felinos domésticos os principais acometidos e maiores responsáveis pela transmissão zoonótica (Mothé *et al.*, 2021). Devido ao hábito de arranhar troncos e cavar

terra, o fungo permanece em suas garras, podendo ser propagado para os humanos (Silva *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2020).

As manifestações clínicas incluem lesões nodulares e úlceras na pele, principalmente no plano nasal, provocando sinais respiratórios como espirros, dispneia e secreção nasal (Santos *et al.*, 2018; Souza *et al.*, 2018). O diagnóstico é feito a partir do exame clínico e laboratorial, como citologia, histopatológico e cultura fúngica (Nitta, 2016; Pires, 2017).

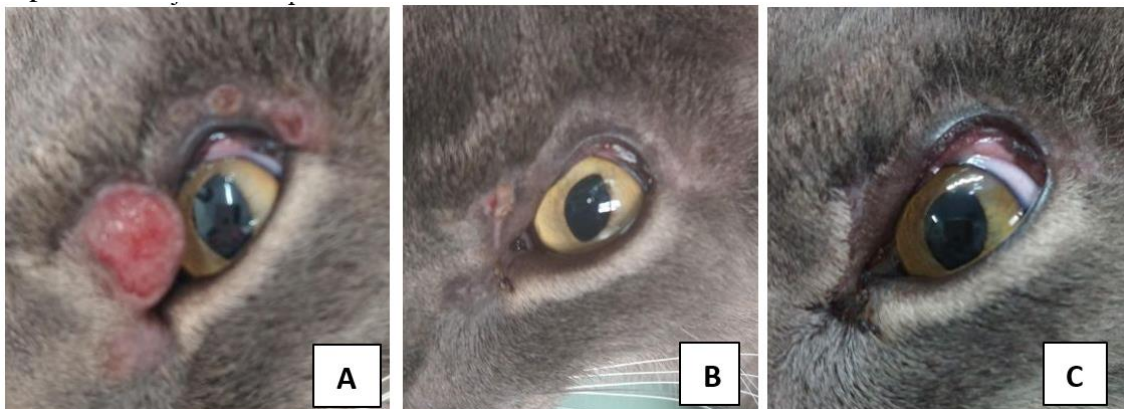
O tratamento consiste no uso de medicamentos antifúngicos, sendo o Itraconazol e iodeto de potássio frequentemente utilizados. Além disso, pode ser feito uso de Anfotericina B por administração intravenosa, subcutânea ou intralesional, associado ao Itraconazol (Cabañes, 2020; Gremião *et al.*, 2021).

O objetivo deste trabalho foi relatar um caso de um felino sem raça definida, diagnosticado com esporotricose ocular no ano de 2022, no Hospital Escola de Medicina Veterinária Prof. Allan Kardec localizado no município de Duque de Caxias.

2. RELATO DE CASO

Um felino, macho, sem raça definida, castrado, 6 anos de idade, pesando 6,100 kg, foi atendido em 11 de abril de 2022, no Hospital Escola de Medicina Veterinária Prof. Allan Kardec, localizado em Duque de Caxias, região da baixada fluminense do Rio de Janeiro, apresentando lesão palpebral pruriginosa unilateral esquerda (Figura 1A).

Figura 1: Felino macho, sem raça definida, castrado, 6 anos diagnosticado com esporotricose palpebral atendido no Hospital Escola de Medicina Veterinária Prof. Allan Kardec, localizado em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, Brasil. A. Paciente em seu primeiro atendimento no Hospital Escola apresentando lesão em placa ulcerada na pálpebra superior e na pele do canto medial do olho esquerdo, quemose, edema e eritema de mucosa conjuntival superior com globo ocular preservado. Além de lesão nodular cutânea com tamanho aproximado de 12 mm na pele do canto medial do olho esquerdo. B. Paciente com 30 dias de tratamento, apresentando remissão das lesões palpebral superior e canto medial do olho esquerdo, assim como a lesão nodular cutânea do olho esquerdo. C. Paciente com 60 dias de tratamento, com as lesões peripalpebrais estavam completamente cicatrizadas. Porém, ainda havia edema e eritema de mucosa conjuntival superior.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2022.

Segundo o histórico, o animal apresentava lesões desde julho de 2021, no dia 06 de outubro de 2021 foi submetido à biópsia em uma clínica particular, cujo resultado histopatológico evidenciou acentuado infiltrado inflamatório misto, composto predominantemente por neutrófilos e macrófagos difusamente dispostos, e agregados multifocais de infiltrado linfoplasmocitário, associados a ocasionais estruturas leveduriformes evidenciadas pela coloração do Ácido Periódico Schiff (PAS). Concluiu-se, portanto, processo inflamatório piogranulomatoso acentuado associado à infecção fúngica.

No atendimento do dia 11 de abril de 2022, a responsável informou que o animal possuía contato com felinos de rua, sendo um deles portador do vírus da Imunodeficiência Felina (FIV), que faleceu. Porém, o paciente não apresentava manifestações clínicas desta enfermidade.

Durante o exame físico foi observada lesão em placa ulcerada na pálpebra superior e na pele do canto medial do olho esquerdo, quemose, edema e eritema de mucosa conjuntival superior com globo ocular preservado. Foi visto ainda, lesão nodular cutânea com tamanho aproximado de 12 mm na pele do canto medial do olho esquerdo e lesão

nodular subcutânea na região ventral à orelha esquerda. Foi realizado hemograma, que não evidenciou alterações dignas de nota, assim como sorologia para FIV/ Leucemia Felina (FeLV) pelo método ELISA, ambos não reagentes.

A partir da avaliação clínica e exame histopatológico coletado dessas lesões em clínica particular que detectou estruturas leveduriformes. Foi estabelecido o diagnóstico de esporotricose palpebral e iniciado protocolo medicamentoso antifúngico. No tratamento foi utilizado Itraconazol 100mg por gato por via oral, a cada 24 horas, e iodeto de Potássio 5mg por kg, por via oral, a cada 24 horas com acompanhamento clínico mensal.

No retorno do dia 05 de maio de 2022 as lesões já estavam em remissão, não sendo observadas úlceras (Figura 1B). A lesão da orelha regrediu completamente. O tratamento com Itraconazol e iodeto de Potássio foi mantido por quatro meses.

No dia 08 de junho de 2022 as lesões peripalpebrais estavam completamente cicatrizadas. Ainda havia edema e eritema de mucosa conjuntival superior (Figura 1C). O paciente ficou dois dias sem comer, justificando sua perda de peso (5,600 kg), mas recuperou-se prontamente sem intervenção medicamentosa, sendo indicada a continuidade do protocolo medicamentos por quatro meses.

Após quatro meses de tratamento, no dia 03 de agosto de 2022, o felino apresentou surgimento de lesões crostosas (hemáticas) na cernelha e cabeça com presença de pulgas, sendo prescrito Bravecto Transdermal®. O edema conjuntival reduziu parcialmente e o tratamento com Itraconazol e iodeto de Potássio foi suspenso por sete dias para coleta de material para realização de cultura fúngica no dia 11 de agosto de 2022, utilizando-se amostra de *swab* de conjuntiva. Nesse dia foi observada remissão completa das lesões cutâneas. Porém o animal ainda possuía edema conjuntival. Após a coleta, foi recomendado continuar com uso do Itraconazol e iodeto de Potássio até o resultado da cultura fúngica.

A cultura fúngica foi negativa (28 dias de cultivo), confirmando a eficácia do tratamento realizado. No dia 14 de setembro de 2022 o paciente não apresentava lesões, inclusive as lesões crostosas que regrediram com uso do Bravecto Transdermal®, tendo alta médica.

3. DISCUSSÃO

Desde janeiro de 1998, o Rio de Janeiro é considerado uma cidade endêmica de esporotricose e devido sua importância à saúde pública, em 2014 o Ministério da Saúde incluiu a enfermidade na lista de doenças de notificação compulsória nacional (Pessanha *et al.*, 2022; Souza *et al.*, 2021).

Em felinos, a doença possui maior incidência em machos não castrados que possuem acesso à rua, visto que eles apresentam comportamentos de brigas por fêmeas e territórios assim disseminando a doença (Almeida *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2018). O animal do presente estudo possuía acesso aos felinos de rua, era macho, embora castrado e não tinha relato por parte do tutor de comportamento de brigas.

A lesão cutânea pode ser única ou múltipla em formatos arredondados, com presença de úlceras, crostas, conteúdo serossanguinolento, podendo ter alopecias, localizadas em regiões da cabeça, extremidades dos membros e cauda (Gondim; Leite, 2020; Gonçalves *et al.*, 2019). Segundo Rocha (2021), esses locais são os mais afetados durante as brigas.

A manifestação ocular é rara em humanos e existem poucos estudos da apresentação oftálmica em felinos, sendo resultado da disseminação hematogênica e/ou linfática, porém se pode descartar a possibilidade de auto-inoculação, devido o hábito de lambadura e ato de coçar (Mothé *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2008). Para o caso relatado, uma hipótese é de que tenha ocorrido uma auto-inoculação a partir do ferimento da orelha esquerda, por ser uma região que os felinos têm hábitos de coçar e posteriormente transmitido para a pálpebra, mas não se devem excluir outras hipóteses. Felinos com lesões oculares podem apresentar edema, hiperemia, quemose e em alguns casos, secreção conjuntival (Silva *et al.*, 2008) sendo compatíveis com os sinais clínicos do animal relatado, com exceção da presença de secreção.

Pelas lesões do animal foi possível suspeitar-se da doença, porém para confirmação devem ser realizados exames complementares. Nesse relato, o paciente chegou à clínica com exame histopatológico já realizado. Tal exame constatou, além de infiltrado inflamatório, a presença de estruturas compatíveis com *Sporothrix schenkkii*, comprovando uma infecção fúngica, já que histologicamente, são observadas as leveduras em formato oval ou alongado (“charuto”) (Orofino-Costa *et al.*, 2017; Nunes *et al.*, 2011).

O antifúngico Itraconazol é o fármaco de escolha para tratamento da esporotricose em animais e humanos, porém seu uso pode apresentar falhas terapêuticas (Pires, 2017;

Souza *et al.*, 2018). Por esse motivo muitos médicos veterinários estão associando o uso desse antifúngico com iodeto de Potássio (Rocha, 2014). O felino apresentava lesões oculares há cerca de oito meses. Por isso o tratamento escolhido foi associação de Itraconazol e iodeto de Potássio, aproveitando o sinergismo entre os fármacos com objetivo de melhor resposta terapêutica.

Apesar do uso de iodeto de Potássio ser eficiente no tratamento da doença, seu mecanismo de ação não é bem elucidado, acredita-se que ele atua como imunomodulador, aumentando a resposta imune. Dessa forma, o tratamento com o Itraconazol e iodeto de Potássio tem uma ação rápida e com menos efeitos colaterais (Reznik, 2023). O animal relatado não apresentou nenhum efeito adverso, tendo uma resposta desejada ao tratamento.

Durante a reavaliação, após quatro meses de tratamento, o animal não apresentava lesões. Sem o uso dos medicamentos foi realizada a cultura fúngica, que de acordo Macêdo-Sales *et al.* (2018), é o método laboratorial padrão ouro para diagnóstico desta doença, visando isolar o *Sporothrix*. O resultado do exame foi negativo, confirmando a inexistência do fungo e o paciente recebeu alta médica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O paciente relatado foi diagnosticado com esporotricose palpebral no município de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. O animal tinha acesso à rua, onde possivelmente se infectou. Por isso é importante manter os felinos domiciliados. O diagnóstico precoce e correto é fundamental para estabelecer o tratamento adequado e diminuir a disseminação da doença. Por se tratar de uma infecção zoonótica, as pessoas devem ter cuidado ao manipular os animais infectados.

O protocolo medicamentoso utilizando itraconazol e iodeto de Potássio foi eficiente e bem tolerado pelo paciente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. J. *et al.* Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, Rio de Janeiro, 2018, v. 38, n. 7, p. 1438-1443.
- CABAÑES, F. J. Sporotrichosis in Brazil: Animals humans one health. **Iberoamericana de Micologia**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 3, p. 73-74, 2020.
- GONÇALVES, J. C. *et al.* Esporotricose, o gato e a comunidade. **Enciclopédia Biosfera**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 16, n. 29, p. 769-787, 2019.
- GONDIM, A. L. C. L.; LEITE, A. K. A. Aspectos gerais da esporotricose em pequenos animais e sua importância como zoonose. **Revista Brasileira de Educação e Saúde**, v. 10, n. 2, p. 37-44, 2020.
- GREMIÃO, I. D. F. *et al.* Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis* and literature revision. **Brazilian Journal of Microbiology**, v. 52, n. 1, p. 107-124, 2021.
- GUIMARÃES, T. M.; GUIMARÃES, A. B. Esporotricose felina: relatos de caso. **Pubvet**, v. 16, n. 1, p. 1-6, 2022.
- MOTHÉ, G. B. *et al.* Ocular lesions in a domestic feline: a closer look at the fungal pathogen *Sporothrix brasiliensis*. **The Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v. 58, n. 1, p. 1-6, 2021.
- MACÊDO-SALES, P. A. *et al.* Diagnóstico laboratorial da esporotricose felina em amostras coletadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil: limitações da citopatologia por imprint. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, v. 9, n. 2, p. 13-19, 2018.
- NUNES, G. D. L. *et al.* Esporotricose felina no município de Itaporanga, estado da Paraíba, Brasil: relato de um caso. **Revista Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da UNIPAR**, v. 92, n.5, p. 157-161, 2011.
- NITTA, C. E. L. C. Y. Dermatopatias fúngicas, pseudofúngicas e algóicas *In*: Larsson, C. E.; Lucas, R. (2 ed.) **Tratado de medicina externa: dermatologia veterinária**. p. 277-291. Interbook, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2016.
- OROFINO-COSTA, R. *et al.* Sporotrichosis: an update on epidemiology, etiopathogenesis, laboratory and clinical therapeutics. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 92, n. 5, p. 606-620, 2017.
- PESSANHA, A. C. *et al.* Esporotricose: apresentação exuberante em um contexto de epidemia. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, v. 17, n. 1, p. 26-28, 2022.

PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia de São Paulo**, v. 15, n. 1, p. 16-23, 2017.

REZNIK, A. U. **Esporotricose felina** (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação) Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade “Júlio de Mesquita Filho”, Botucatu, São Paulo, Brasil, 2023.

ROCHA, A. N. D. S. **Aspectos clínicos e citológicos de esporotricose conjuntival primária em felinos domésticos** (Dissertação de Doutorado) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil, 2021.

ROCHA, R. F. D. B. D. **Tratamento da esporotricose felina refratária com a associação de iodeto de potássio e itraconazol oral** (Dissertação de Mestrado) Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas, Rio de Janeiro, Brasil, 2014.

ROSA, C. S. *et al.* Terapeutica da Esporotricose: revisão. **Science and Animal Health**, v. 5, n. 3, p. 212-228, 2017.

SANTOS, A. F., *et al.* Guia prático para enfrentamento da esporotricose felina em Minas Gerais. **Revista Veterinária & Zootecnia em Minas**, v. 137, n. 38, p. 16-27, 2018.

SILVA, D. T., *et al.* Esporotricose conjuntival felina. **Acta Scientiae Veterinarie**, v. 36, n. 2, p. 181-184, 2008.

SILVA, G. M. *et al.* Surto de esporotricose felina na região metropolitana do Recife. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, n. 9, p. 1767-1771, 2018.

SILVA, J. E. *et al.* Análise da evolução de esporotricose empregando modelo de regressão em casos de felinos de Timbaúba/PE–Brasil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2021.

SILVA, J. E. *et al.* Estudo da esporotricose no âmbito nacional e internacional com enfoque estatístico: uma revisão sistemática da zoonose. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. 1-17, 2020.

SOUZA, F. B. *et al.* Estudo epidemiológico da esporotricose no município de Teresópolis-RJ. **Revista de Medicina Veterinária do UNIFESO**, v. 1, n. 1, p. 45-53, 2021.

SOUZA, E. W. *et al.* Clinical features, fungal load, coinfections, histological skin changes, and itraconazole treatment response of cats with sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis*. **Scientific reports**, v. 8, n. 1, p. 1-10, 2018.

SPINELLI, T. P. *et al.* Primary conjunctival sporotrichosis in three cats from Northeastern Brazil. **American College of Veterinary Ophthalmology**, v. 24, n. 1, p. 209-215, 2021.